

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 18 — VOL. II.

Sabbado 1 de Maio de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 3\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Toledo — O sello grande de Inglaterra — O que é isto? conclusão — Pagode de Hac-Chwang — Historia do calculo — Mythologia, Macédo, Mabanatma — A noite — Dia 9 de Maio de 1856 — O condemnado — O dote e o noivo — A agatha — Replica a tempo — Automatos — Da seda — Peixes andarilhos.
GRAVURAS — Hospital de Toledo — Cinco desenhos do romance «O que é isto?» — Pagode de Hac-Chwang — Cathedral de Toledo — Capella do Christo da luz.

Historia da actualidade.

O fogo arrificial, que se hade deitar no castello de S. Jorge, terá logar na esplanada, onde se acha a bateria. Na altura de cem pés se levantará um peristilo da ordem jonica, com seis columnas. Será illuminado por fogos de cores, fachos, vasos nos intercolumnios, fogareos no frontão, e mais embellesementos proprios a realçal-o.

Na ribanceira inferior á bateria, imitar-se-ha uma cascata no gosto da de Versailles, multiplicando variados jogos hydraulicos. Além d'esta haverá outras composições pyrotechnicas.

O fogo começará por uma girandola de cem mil foguetes de todas as combinações e côres.

— Os arcos triumphaes para a recepção de sua magestade a rainha D. Stephanía, serão revestidos da seguinte forma:

Os do Rocio, na embocadura das ruas do Oiro e Augusta, de estylo gothico, com côres apropriadas aos monumentos d'aquella epoca.

Os lateraes do theatro, serão de columnas, assimilhando-se ao portico do mesmo theatro de Dona Maria.

Os da Praça do Commercio, serão de architectura analoga á mesma praça.

A volta do arco da rua Augusta, reveste-se como se o arco estivera completo, pelo desenho que tem servido á obra. Coroar-se-ha por um grupo de figuras allegoricas ao

consorcio. Superiormente, fazendo face para a praça, o quadro allegorico pintado pelo senhor Antonio Manuel da Fonseca.

A estatua do obelisco do centro do Rocio, é modelada em gesso, imitando marmore. E no pedestal se figurarão as quatro estações, esculptura do senhor Aguiar.

No caes das Columnas simular-se-ha um jardim, com arvoredos de sombra, flores, etc.

Nos arcos da praça de D. Pedro e Terreiro do Paço haverá em cada um duas estatuas fazendo frente uma para a respectiva praça, e outra para o arruamento.

Os ornatos e baixos relevos de toda esta arcaria, são de pasta.

Globos de côr, serpentinas, candelabros, e estrellas de gaz, illuminarão todas estas machinas.

Os planos da architectura são do senhor Pezerat, a pintura e o ornato do senhor Antonio Tho-

maz da Fonseca, a esculptura do distincto artista francez Alibert.

— A companhia do gaz illuminará vistosamente o seu estabelecimento, simulando por luzes as armas reaes de Portugal, e das da augusta noiva, sobrepostas da regia corôa, e circundadas d'uma grinalda.

— Os quarteis de Lisboa, receberam para despesas de illuminação cincoenta mil réis cada um.

— A torre de Belem será tambem illuminada pomposamente, e para isso concorreu o governo com aquantia de cem mil réis.

— Os moradores do largo do Caes do Sodré, vão adornar brilhantemente, por esta occasião aquella praça.

— A rainha Victoria, e o imperador Napoleão desejam que a rainha Stephanía se demore quatro dias em cada uma das suas respectivas côrtes. Sua magestade é esperada em Ostende no dia 5 do proximo mez de Maio.

— Espera-se em Lisboa, antes da occasião da chegada da augusta rainha, o marquez de Batti, que vem apresentar a sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v., da par da rainha de Inglaterra, as insignias da distincta ordem da jarreteira.

— Corre noticia de que por occasião do anniversario da carta constitucional, serão elevados aos titulos de visconde de Geraz de Lima, o senhor Luiz do Rego da Fonseca Magalhães; e de visconde de Santa Isabel, o senhor Joaquim Honorato Ferreira.

— Sua magestade el-rei nomeou grã-cruz da ordem de Santa Isabel a senhora duquesa de Saldanha.

— O senhor marquez de Fronteira recebeu nomeação de mordomo-mór da casa da rainha.

— A rainha de Hespanha, e seu esposo, irão no dia 12 de Maio proximo a Alicante para assistirem á inauguração do caminho de ferro.

— Dentro em pouco se vae principiar a feitura do



Hospital de Toledo— Gravura de Vidal Senior.

nossô ramal, que de Aldea Gallega entroncará no caminho de ferro do Barreiro ás Vendas Novas. As respectivas plantas e traçados foram tiradas pelos nossos distinctos engenheiros, os senhores Sousa Brandão, e Mourão.

—Foram assassinados em Gallitzia o principal banqueiro d'aquella cidade, e o seu caixeiro, por um soldado, que, depois de perpetrar este crime, se suicidou.

—Na aldêa de Anchialoe, junto a Bourges, houve em a noite de 27 para 28 de Março um incendio tão violento que destruiu duzentas casas.

—Para se apresentar em estado de navegação o immenso vapor *Leviathan*, que se está construindo em Inglaterra, são precisas ainda 172,000 libras. Será portanto o custo d'este navio monstro 804,552 libras, ou 34 libras por tonelada.

—Encontram-se difficuldades para levar a effeito o tractado da propriedade litteraria entre a França e a Suissa.

—Publicou-se em Madrid, o jornal *La Independencia Hespanhola*, que consta de duas edições, uma em hespanhol, publicada pela manhã, e outra em francez, distribuida de tarde.

—Bernard, contra quem se seguia processo em Londres, pelo crime de cumplicidade no attentado contra Luiz Napoleão, foi absolvido pelo jury. Este negocio causou grande sensação na França, e espera-se que d'elle nasçam complicações entre os dois estados.

—Espera-se, segundo as mais recentes noticias, que se abula na Russia a censura litteraria.

Toledo.

Toledo, como se vê da estampa que apresentamos, é uma das bonitas cidades da pittoresca Hespanha, sobre a margem do Tejo. A ponte, que ahí se lança sobre o rio, com seus arcos gigantes, passa por ser gothica; mas a verdade é que a antiga foi destruida, em 1207, por uma inundação, e durante a guerra de Pedro o Cruel e Henrique de Transtamara, proximo aos annos de 1360. Quanto muito a ponte de San-Martinho poderá ser do fim do seculo XIV.

Uma tradição popular attribue a construcção ao arcebispo D. Pedro Tenorio, e narra, da curiosa maneira que segue, as peripecias da sua definitiva reconstrucção.

O architecto acabara de levantar o arco principal, e só lhe faltava tirar osapparehos, quando percebeu que a ponte não tardaria a desabar. O pobre homem perdia-se em angustiosas perplexidades, quando sua mulher, notou aquella tristeza e lhe arrancou o segredo. Rapidamente tomou ella uma d'aquellas resoluções que distinguem os grandes capitães... e as mulheres. Tratava-se de ganhar uma batalha perdida. Á noite, seguida da criada, saiu furtivamente, foi direita á ponte ainda em madeira, juntou algumas aparas e pedaços de madeira, e lançou-lhes fogo. O incendio lavrou depressa, e a ponte abateu com espantoso fragor.

A honra do architecto estava salva. Tornou a começar de novo a ponte, e d'esta vez observou melhor as leis do equilibrio.

Como se vê da estampa, termina ella d'um lado por uma torre antiga, ornada d'inscrições arabes, e levantada sobre uma rocha, no alto da qual está o *Miradouro*. O *Miradouro* é um belveder edificado pelo ultimo rei godo, Rodrigo, e fazia outr'ora parte do alcazar, ou palacio real. E' a parte mais moderna do velho palacio de Wamba. O alcazar, monumento prodigioso de solidez e grandeza, de riqueza severa e caracter imponente, é de bem longa antiguidade.

Um dos edificios representados em as nossas gravuras é o hospital, e como se vê do desenho um dos mais formosos em architectura.

A outra representa a capella do Christo da Luz. E' de pesada e sombria architectura. Chamava-se antigamente a capella *das Mercês* e passou depois a denominar-se do *Christo do Sangue*, e modernamente do *Christo da Luz*.

Havia ali, diz a tradição, no tempo do decimo terceiro rei dos godos, Athalgido, uma ermida com uma milagrosa imagem de Christo. A um cego, pa-

ralytico, e leproso, bastava-lhes visital-a com fé para abrir os olhos á luz, ou lançar fora as mulletas inuteis, ou ficar sarado d'aquella terrivel molestia.

Chegaram os ultimos dias dos godos, no tempo do rei Rodrigo; e a fé enfraqueceu. Os barbaros ameaçavam o reino; e os judeus de Toledo apertados por uma perseguição selvagem, lançaram a culpa ao Christo d'aquella ermida, e n'uma noite introduziram-se na capella, insultaram a imagem, esbofetearam-na, traspassaram-lhe o lado, como outr'ora os seus antepassados no Golgotha; e arrancando-a da cruz, levaram-na, e esconderam-na n'uma estrebaria.

Mas, diz a lenda, durante a noite o sangue não cessou de correr do golpe dado na imagem por estes miseraveis profanadores; e o regato ensanguentado atrahiu as vistas d'alguns fieis. Descobriu-se o sacrilegio, e puniram-se os autores.

D'esde este dia, não cessou o prodigio do sangue, e as curas milagrosas eram cada vez mais frequentes. Os judeus, enraivecidos, voltaram seus conluios contra os devotos peregrinos. Untaram os pés da imagem d'um veneno tão violento, que bastava aproximar-lhes os labios para cair morto.

Novo milagre frustrou esta horrivel machinação. Aproximando-se um doente para beijar o pé direito da imagem, esta retirou-o repentinamente. D'esde então ficou descrevado.

Os moiros, entretanto, invadiram a Hespanha. Da ermida das *Mercês* fizeram uma mesquita. Os christãos tinham, no primeiro dia da derrota, enterrado o Christo dos milagres, uma veneranda imagem da Virgem, e a lampada ainda accesa que ardia diante d'estas santas imagens.

Seis seculos depois, Toledo foi arrancada aos moiros por Affonso VI, e o Cid Campeador entrou triumphante na cidade conquistada. De repente o seu cavallo, o illustre Babicça, dobra-se rudemente, dobra os joelhos e inclina-se. Não ha freio ou espora que possa fazer levantar o animal. O Cid comprehendeu que um cavallo como o seu lá teria as suas razões para se comportar de tal maneira. Mandou cavar a terra, e encontraram-se as duas imagens e a lampada ardendo ainda. Diz a lenda que quando esta lampada foi enterrada, estava provida d'azeite para dois dias.

O sello grande de Inglaterra.

Se um ratoneiro audaz, na occasião que lord chancellor tivesse ido passar alguns dias ao campo, entrasse no gabinete d'este elevado funcionario, aproveitando da sua ausencia, favorecido pela escuridão da noite, e o revistára, entre os immensos massos de papeis de que está cheio este recatado local, encontraria provavelmente um cofre pouco mais ou menos de oito pollegadas quadradas, forrado de couro, com as armas reaes ricamente doiradas, e com uma fechadura de Bramah, que indicaria o extraordinario valor do objecto que encerra. Se quizesse investigar o mysterioso cofre, e o arrombar, descobriria dois discos de prata, sobrepostos, que para os descrever poderemos comparar, se nos perdoam a trivial comparação, a duas brilhantes e limpidas tampas de folha de flandres, das que servem para as cassarolas: separando estes dois discos poderia ver, em um a effigie gravada de sua magestade a rainha Victoria, sentada no throno, e rodeada das virtudes cardeaes, e no outro sua magestade montada em um cavallo com ricos jaezes, e acompanhada de um pagem.

O chancellor deve indubitalmente considerar os discos como o mais precioso do seu thesouro, pois simplesmente a sua posse, sem nenhum documento, titulo, ou carta de privilegio, o constitue a segunda pessoa do reino, juiz supremo do tribunal da chancellaria, e presidente da camara dos lords, com o ordenado de quatorze mil libras sterlingas, e um patronato ecclesiastico e civil; porém o ser depositario do sello é além disso a maior prova de confiança que pode conceder o soberano, porque o facto de o pôr debaixo da sua salvaguarda, é tanto como pôr á sua disposição quasi todo o poder inherente á prerogativa real.

São estes discos a matriz do enorme sello de cera, chamado commumente o sello grande de Inglaterr-

ra, que se põe a certos documentos, em que constam actos do soberano que exigem esta formalidade. Em virtude do sello, achar-se posto ou deixar de o estar, pela autoridade legitima, qualquer documento que possa emanar do soberano é valido e irrevogavel sem o consentimento dos tres estados; de modo que aquelle que fór seu possuidor, pode, querendo ser infiel ao seu cargo, indultar o homem mais criminoso, conceder os maiores titulos de nobreza, e outorgar privilegios: poderia, em summa, exercer a maior parte das prerogativas com que a lei, e os costumes investiram o soberano para bem dos seus subditos. Por isso se diz com razão que o chancellor é o guarda da consciencia real.

Considerando-se a grande importancia que sempre teve este emblema da dignidade real, não pode deixar de se estranhar, que o soberano o tenha collocado n'outras mãos; é porém certo, que levando a investigação aos mais remotos tempos, vê-se que o sello estava em poder do *lord guardian*. Antes do reinado de Eduardo, o confessor, os instrumentos publicos eram ractificados com uma cruz que se fazia com tinta doirada; porém d'esde que se introduziu pôr o sello grande, sempre se elegeu para seu guarda uma pessoa distincta pelo seu merito, e sciencia, a quem o soberano o punha ao pescoço, recommendando-lhe que não usasse d'elle senão em honra de Deus e do seu rei.

Os primeiros sellos grandes foram obra demasiado grosseira. O mais antigo que se conhece consiste em um pedaço de chumbo pendente de um cordão de seda ligado a uma carta de instrumento de Eduardo o confessor. Pouco tempo depois se usou de cera em lugar de chumbo, e Guilherme o conquistador, assim como outros muitos de seus successores, usaram de cera verde, para indicar que o documento era perpetuo; pratica seguida até os nossos dias nos sellos postos ás cartas ou titulos dos pares, e a outros documentos cuja duração é illimitada.

Se dermos credito ao que refere Stowe sobre este assumpto, Guilherme I tinha um methodo, em extremo singelo, de sellar os seus actos, consistindo em imprimir na cera seus dentes reaes.

Já antigamente se pagavam, como agora, grandes emolumentos aos chancelleres, por sellarem um documento de qualquer classe, e seria difficil formar idéa do que com isto ganhavam os felizes possuidores do sello grande. O rei João, achando-se precisado de dinheiro, arrematou o emprego de guarda sellos, sendo assim obtido por Walter Gay, pelo preço de de sessenta e uma mil libras sterlingas; porém o arrematante permutou alguns annos depois este emprego pela dignidade, e ainda mais rendosa, de arcebispo de York.

O chancellor João Maunsel, só por deixar de provêr os beneficios ecclesiasticos á medida que vagavam, se encontrou na posse de uns setecentos no fim de algum tempo; cincoenta annos depois bastavam as rendas que gosava pelo seu emprego o chancellor Beaufort para que podesse emprestar a Henrique V uma somma tão consideravel, que o rei lhe deu de penhor a corôa.

As riquezas que podiam adquerir os chancelleres, e o poder que lhe davam estas circumstancias, collocava os soberanos na necessidade de não confiarem a guarda do sello, senão a pessoas de cuja adhesão podessem estar mui seguros; coisa que mais de uma vez offereceu difficuldades.

Henrique III, tendo uma vez necessidade de se ausentar do seu reino por alguns dias, não encontrou uma pessoa capaz d'este cargo, e de cumprir os deveres que lhe eram proprios, e depois de haver procurado debalde um chancellor, deixou o sello nas mãos de Leonor sua mulher, a qual não só sellou durante a ausencia de seu esposo todos os documentos que careciam d'este requisito, mas tambem assistia ás sessões do tribunal da chancellaria, ouvia e julgava as causas pendentes. A circumstancia de achar-se grávida, e de sobrevir o seu parto, foi o unico motivo que por algum tempo interrompeu o exercicio de suas attribuições judiciaes; porém assim que poudeser assistir á missa retomou suas funcções, e conservou o grande sello perto de um anno.

Para os inglezes era em outros tempos o sello grande, segundo parece, objecto de uma venera-

ção supersticiosa, porque, considerando o soberano como unica fonte da justiça, da clemencia, e da honra, folgavam que nada d'isto se distribuisse senão por meio do sello. Cita-se em relação a isto um facto que não deixa de ser notavel. Quando Henrique vi, tendo apenas nove mezes, presidiu pela primeira vez ao seu conselho nos braços de sua ama, teve sobre os joelhos o sello grande do reino, e poz n'elle suas mãos como para lhe comunicar a virtude real: em acto successivo tomou-o debaixo de sua guarda o chefe dos archeiros, e só pelo facto da posse, foi considerado como investido de todas as faculdades, e prerogativas do soberano.

Talvez alguém se sorria considerando que no seculo xv se pensava d'este modo; porém convem ter em conta que quatrocentos annos depois, achando-se enfermo o rei Jorge iii, e impedindo a sua doença poder prestar annuência ao projecto de lei, que nomeava regente a seu filho, os mais eminentes juriscultos, e entre elles o illustre Camden, mostraram que pensavam quasi da mesma maneira, declarando que o rei, ainda que na sua capacidade natural não podesse obrar como soberano, na sua capacidade politica gosava mais saude que nunca, sendo o rei politico o sello grande, por meio do qual foi sancionado o projecto de lei. A doutrina de lord Camden foi admittida, e approvada pelos politicos, e juriscultos de epochas posteriores. D'onde resulta, por muito estranho que pareça, presentemente haver dois soberanos em Inglaterra, um natural que é a rainha Victoria, e outro politico constituido pelas duas tampas de cassarolas, cuja historia estamos traçando.

A maneira de collocar actualmente o sello grande para dar validade aos documentos expedidos a pessoas particulares, nos subministra outra prova da crença de que ha n'elle alguma virtude mysteriosa, e inexplicavel. Ha duas classes de instrumentos que devem levar o sello grande: as patentes de invenção, e outros documentos dirigidos a todos os subditos da rainha, designados com o nome de cédulas, levam o sello na parte inferior por meio de um cordão de seda, umas vezes em cêra verde, como já dissemos, porém geralmente em cêra amarela, e em alguns casos para evitar que o documento se deteriore com o roçar, se colloca n'uma capa de pelle pintada, onde o sello vae impresso. Porém quando a carta vae dirigida a um particular põe-se o sello, como nas cartas ordinarias, para evitar que outrem as possa ler. A maneira de pol-o n'estes casos é mui singular. O documento escripto em pergaminho, enrola-se de modo que forme um embrulho de duas pollegadas de largo, do qual sae uma larga facha, onde estão escriptos o nome, e os titulos da pessoa a quem a carta se dirige. Com um fio de barbanete se dão varias voltas ao embrulho apertando bastante; unem-se as duas extremidades do fio, por meio de um pedaço de cera, que se aperta entre o pollegar, e o indice; e a operação de pôr o sello se reduz a tecer com o documento um dos preciosos discos, o que é bastante para que immediatamente tenha o valor de uma carta emanada do soberano.

A julgar pela a alegria com que o rei Carlos i recebeu o mensageiro que de York lhe levou o sello grande, ninguém deu mais importancia do que elle a este emblema da soberania, que receava tivesse caído em poder do parlamento. Assim quando este soube, que se lhe escapara das mãos, foi o seu pesar igual á alegria do rei, porque o soberano podia autorisar com elle suas proclamações, e outros muitos actos de importancia, que não careciam de outro requisito legal: em quanto ao parlamento lhe era impossivel substituir os seus membros, nem fazer coisa alguma do que pertence á administração superior, por falta de sello grande: deliberou, esperou, fez mil supplicas, e á final resolveu que se fizesse um sello grande para seu uso particular; resolução que sem duvida foi dos actos mais notaveis d'aquella assemblea. Infelizmente, não abundavam então os gravadores, e aos poucos que havia, os detinha um antigo estatuto de Eduardo iii, em virtude do qual, aquelle que imitasse ou falsificasse o sello grande devia ser condemnado á morte como traidor. Nenhum

d'elles duvidava que esta disposição seria reputada vigente, e seria cumprida litteralmente, se a sorte fosse favoravel á causa do rei; mas como o dinheiro e o amor são tão poderosos para vencer os maiores obstaculos, encontrou-se emfim um homem atrevido, que pela somma de quarenta libras pagas adiantadas, e sessenta depois de concluida a sua obra, se comprometteu a fazer outro sello em tudo igual ao que o rei possuia. Fez-se com effeito este fac-simile, e o parlamento fez uso d'elle até que o governo republicano teve força sufficiente para usar de um sello novo, onde se não via emblema algum da dignidade real. O antigo sello do reino, havendo voltado ao poder do parlamento depois da capitulação que se fez em Oxford no anno de 1645, foi cortado em pedaços por um serralheiro no mesmo salão da camara dos communs.

Depois da restauração correu risco mais de uma vez o sello grande de Inglaterra. No reinado de Jacques ii era chancellor o odioso Jeffreys; temia o monarcha que o sello caísse nas mãos dos seus inimigos, e querendo tel-o debaixo da sua protecção, e em certo modo debaixo de suas vistas, fez hospedar a Jeffreys no seu palacio de Whitehall: na vespera do dia em que Jacques abandonou seu reino tomou o sello das mãos do chancellor, e ao atravessar o Tamisa em um barco, o arrojou á agua, imaginando que sem elle não se poderia exercer a auctoridade real; mas ainda que na realidade assim fosse, de nada pôde servir o que praticou, pois que d'alli a pouco se encontrou o malfadado sello envolvido na rede de um pescador, que o apresentou ao conselho privado.

Em 1784, sendo chancellor lord Jhurflow, se perdeu realmente o grande sello. Penetraram na habitação do nobre lord uns ladrões, e entre outros muitos objectos preciosos, levaram o sello, que nunca mais se encontrou. No dia seguinte pela manhã reuniu-se o conselho privado, e se lhe participou o calamitoso successo; a toda a pressa se mandou fazer outro sello, que no fim de trinta e seis horas estava já concluido, e sabe-se por via authentica, que nos oito annos em que exerceu depois o nobre lord o cargo de chancellor, não se deitou uma noite sem pôr o sello debaixo do travesseiro.

Perdeu-se tambem o sello grande no tempo do chancellor Eldon, porém esteve perdido só alguns momentos. Este mesmo lord nos conta no seu diario que tendo ido a palacio receber o sello das mãos de Jorge iii, o encontrou sentado em um campê, com o sello mettido em o lado esquerdo entre o jaleco, e a sobrecasaca que levava por cima, parte abotoada. O rei, ao vel-o, tomou o sello, e lh'o apresentou, dizendo-lhe: « Recebei, dou-vol-o de todo o meu coração. »

Lord Eldon, tendo sempre na memoria estas palavras, nunca se deitava sem levar per si mesmo o sello á sua camara. Em um dia do anno de 1812 houve em sua casa um incendio, e ao despertar a primeira coisa em que pensou foi no sello grande entregue á sua guarda: corre ao escondrijo, onde o guardara, toma-o, e baixando precipitadamente, o enterrou no jardim situado por traz do edificio. Porém ao voltar a sua casa, ficou tão maravilhado, como elle mesmo diz no seu diario, de vêr os creados que haviam fugido da cama em camisa, para ajudar os bombeiros, e experimentou tão viva inquietação pela sorte de sua esposa, que pela manhã não pôde lembrar-se do sitio em que havia enterrado o sello. « Não pôde imaginar-se, ajunta elle, uma coisa mais digna de riso, que vêr toda a gente de casa esgravatando a terra com paus, até que se encontrou o que se procurava. » Foi esta a ultima vez que o sello esteve a ponto de se perder.

O sello do reino conserva toda a sua importancia. As mesmas leis, que com tanta sabedoria declararam que o rei nunca morre, dispozeram convenientemente tambem que nunca faltasse o sello, estabelecendo que quando houvesse necessidade de renovar-o, não se destrua o antigo senão depois de estar concluido o novo. A criação de um novo sello é um negocio de estado: o soberano convoca o conselho privado, e o gravador do rei recebe officilmente a ordem de apresentar-se a elle com os debuxos: escolhido um d'elles, apresenta-se a matriz, e quando o novo sello está concluido, cele-

bra-se outro conselho para sua approvação, e passa então das mãos do monarcha ás do chancellor, o qual assim fica investido das faculdades de que fallamos. Além d'isso, verifica-se outra cerimonia, que consiste em sellar o chancellor per si mesmo um documento em presença do conselho, para demonstrar que se acha em estado de cumprir os seus deveres; do mesmo modo que em Londres e Middlesex, os que tem de desempenhar o cargo de *sheriff*, estão obrigados a dar uma prova de sua educação e capacidade antes de prestar juramento para entrar no exercicio de suas funções.

Os sellos que se usaram antes dos tempos modernos, não tinham de grandes mais que o nome, pois na realidade eram pequenos comparados com os actuaes, e os mesmos se applicavam tanto a um documento como a uma carta ordinaria, não tendo mais de duas pollegadas ou tres de diametro. Porém as dimensões do sello grande se tem augmentado, segundo parece, guardando proporção com o acrescimo do poder do soberano, e é tão grande na actualidade, que se exporia a queimar os dedos á nobre personagem a quem está entregue a sua custodia, se tivesse o capricho de per si mesmo sellar um documento. Para este fim ha dois empregados experimentados: um que aquenta a cêra, outro que applica o sello.

Se a criação de um novo sello é um negocio de Estado, a destruição do antigo não é uma cerimonia menos solemne. A operação faz-se pelo soberano na presença do conselho. O sello antigo perde todo o seu valor aos olhos da lei depois que o soberano lhe dá uma ligeira martellada, e vem a ser propriedade do chancellor; propriedade que agora tem mais valor que antigamente, porque o sello actual é de prata, e os que se usaram até ao anno de 1815 eram de cobre. Quando o rei Guilherme iv inutilisou o sello do seu predecessor, houve em consequencia d'isto um incidente bastante curioso. Na epocha da morte de Jorge iv desempenhava o emprego de chancellor lord Lyndhurst; porém quando se concluiu o sello do rei Guilherme, estava de posse d'esta dignidade lord Brougham.

Ambos pretenderam o sello inutilisado, allegando um que pertencia ao reinado anterior; e fundando-se o outro em que perdera sua força até o momento de receber a martellada; submettido o caso ao conhecimento do rei, e considerando S. Magestade que não era pouco o que uma e outra parte podiam allegar em favor de suas pretensões, determinou que cada uma levasse metade do sello. Deu-se ordem ao ourives da camara para que engastasse cada uma das duas metades em um magnifico caixilho de prata; feito isto, o rei as apresentou aos contendores, e os fez convir em que a sorte decidiria quem havia de ficar com a frente, e qual ficaria com o reverso.

Como o rei entrega pessoalmente nas mãos do chancellor o sello grande, é costume immemorial que o chancellor o devolva pessoalmente a seu dono, ou quando menos, que o entregue a um mensageiro enviado directamente pelo soberano, com uma ordem firmada por elle para o receber. E sabido quanta resistencia oppoz o cardeal Wolsey, depois da sua desgraça, aos duques de Norfolk e Suffolk, que intentaram obter a entrega do sello por meio de uma mensagem verbal do monarcha, e que os nobres mensageiros tiveram de retirar-se para irem sollicitar uma ordem formal como exigia o cardeal. Os Stuarts e Tudores pediram emprestado mais de uma vez o sello aos chancelleres, e o tiveram em seu poder alguns dias com o fim de dar força legal ás leis, ordenanças, graças, e collações de titulos, que por temor ou por escrupulo de consciencia não quizeram auctorisar os chancelleres.

O receio de que se perca o sello grande, transportando-o de um logar a outro, juntamente com a presumida necessidade de que o chancellor o tenha consigo em qualquer parte onde exerça suas funções, para provar que está de posse do instrumento, do qual emana sua auctoridade, deu origem ultimamente a uma ficção, que não deixa de ter originalidade, e consiste em levar á camara dos lords, ao tribunal da chancellaria, e a outras partes, em logar do sello, uma bolsa ou sacco bordado, que mui poucas vezes o encerra.

O que é isto?

Conclusão.

IV

FLORES E ESPINHOS!.. RISOS E LAGRIMAS.

Appareceu no ceo um grande cometa... Que cauda tinha!..



Ulriko, o velho castellão, que voltára ao seu solar, depois do iniquo procedimento que tivera com o barão Arnaldo, dispunha-se a mandar enforcar o anão e todos os mais emissarios que haviam regressado sem novas de seus filhos, quando se enxergou aquelle signal, que devia trazer-lhe a felicidade, posto que momentanea, segundo a propheta do mago.

D. Bertholdo, que se considerava ressuscitado, foi incumbido de vigiar dia e noite, no mais alto da torre de menagem, para annunciar a volta dos filhos prodigos; e cem cavalleiros, lustrosamente abilhados, saíram a percorrer as campinas circumvisinhas, com ordem de acompanharem ao castello os filhos do velho conde, que elle contava terem entrado já nos seus vastos dominios.

Deixaremos a gente do burgo preparar danças, flores, luminarias e mais signaes de alegria para a recepção de seus futuros senhores, e acompanhando os cavalleiros na sua agradável expedição, caminharão com elles até áquella celebre clareira do bosque, aonde esteve para ser morto o visconde e o seu pagem.

Ahi encontramos, repousando, as pessoas que buscamos. Um vasto acampamento, formado de rivas tendas de seda, abrigava dos raios de um sol ardentissimo os filhos de Ulriko, e toda a mais companhia, que embarcou para a galeota real no porto da deliciosa insula; e cumpre d'aqui prevenir o leitor de que, por faltar nos mappas, não é menos verdadeiro aquelle grato paiz do que a ilha dos Amores, que nos descreveu Camões, nem do que essa outra ilha aonde se acoita o *Encoberto*.

Ada e Conrado ficaram saltando de prazer com a chegada dos cavalleiros, que lhe asseguravam o perdão do velho conde; e não quizeram demorar por mais tempo a volta ao castello de seu pae. Desmancharam-se as tendas em um momento, e cavalgando de novo em dromedarios, como tinham vindo desde a margem do grande rio até ali, dispozeram-se a partir.

Abibimelek lhes fez retardar a marcha por um momento. Offerecendo os seus serviços a todos os circumstantes, deu um abraço na irmã querida, e apartou-se da companhia, seguindo o trilho da sua mysteriosa habitação.



Anoitecêra. Nenhuma estrella se divisava no firmamento, porém o sulco igneo do famoso cometa alumiaava o espaço. Ajudados d'essa luz, enxergaram em breve as torres do castello de Ulriko; e quando venciam a extremidade do bosque, ouviram o som rouco que o anão tirava do seu corno, annunciando a aproximação da comitiva.

Immediatamente a ponte suspensa caiu sobre a margem do fosso, e á porta do castello assomou, entre muitos archotes, a figura cadaverica do nobre ancião, que vinha receber seus filhos.

O mago prophetisára bem... Houve grande prazer no castello!

Verificar-se-hia egualmente o resto da propheta?... E' o que vamos ver.

Danças, musica, fogos de Bengala, illuminação a *giorno*, comezainas, vinhos e hydromel... de tudo havia em abundancia. Reinava a alegria em todos os rostos. O futuro parecia de oiro e côr de rosa para toda aquella gente.

Ulriko consentiu logo no casamento de Conrado e Jocunda, mas quiz saber quem era Azael, antes de lhe confiar a sorte da sua querida filha.

Hoc opus hic labor est!..

Cassandra cortou o nó gordio. Se era verdadeira ou não a historia que ella contou, não o posso eu dizer, pois d'isso não achei memoria; porém o caso é que affirmou ter trocado no berço um filho seu por outra creança, que pertencia a uma das mais nobres casas da Hungria; e que esse herdeiro do potentado magyar não era outro senão Azael.

O conde accitou a historia, e permittiu o consorcio dos dois jovens amantes; e em quanto se averiguava melhor a verdade, mandou queimar, provisoriamente, no fosso do castello, a auctora do crime ou do conto.



Este episodio não alterou em coisa alguma a sequencia dos folgedos; porém negocios mais graves vieram perturbar em breve a paz do castello, e anuvar muitos dos rostos que mais prazentosos se mostraram nas festas nupciaes.

Quem tal diria! Depois de um mez de casado, já o filho do castellão evitava a companhia da sua formosa esposa, para ir coxixar em peccaminoso *tête à tête* com uma das aias da princeza.

O conde soube-o; e deixou de comer e de dormir... tal foi a afflicção que teve.

Depois Ada, volúvel como seu irmão, começou a namoriscar um dos embaixadores, que ficára no castello, por doente; e fugindo, quanto podia, de Azael, ia repetidas vezes á caça, sem mais companhia do que o seu amante.

O conde tambem o soube; e a esta não poude resistir... lançou-se de cabeça para baixo na cisterna do castello. Quando o tiraram, era um cadaver!



Com a morte do conde estabeleceu-se a desordem no solar; e o barão Arnaldo, que desejava vingar a affronta recebida, aproveitou o ensejo para reunir alguns de seus vassallos, e bom numero de bandidos, e veio pôr cerco ao castello.

Conrado era valente, mas estava enervado por excessos de todo o genero; não era um animo de tão rija tempera como o de seu pae: nem os servos lhe obedeciam submissos como ao velho castellão. Ao contrario, muitos d'elles fugiram para Arnaldo.

A situação tornava-se pois assustadora... E ainda Conrado ignorava que Abibimelek havia feito uma propheta, já em parte realisada! Se a conhecesse, teria succumbido logo.

Todos os dias se trocavam frechadas entre os defensores do castello e os sitiantes. Estes tentavam entupir o fosso, aquelles impedir-lh'o. Porém nada de decisivo.

Emfim, uma madrugada appareceu no acampamento o mago Abibimelek, a pedir uma audiencia a Arnaldo, que logo lh'a concedeu; e depois de uma extensa conversação, dirigiu-se para o fosso do castello, alçando uma bandeira branca.

D. Fumega veio á barbacan perguntar-lhe o que pretendia.

— Licença para descer ao fosso, a recolher as cinzas de minha irmã, respondeu o mago.

— Vou expor o teu pedido ao mano Conrado, replicou o jogral, e desapareceu.

D'ahi a pouco voltou a annunciar que o moço conde concedia a graça impetrada; e o velho pulou de um salto dentro do fosso.

De um e outro lado o viram entrar na profunda cova, mas ninguem o viu sair até á noite.

O espanto que este successo causou, foi bem depressa substituido por outro muito maior.

Cerca das nove horas sentiu-se um abalo subterraneo no castello, depois um estrondo horroroso, e em seguida ergueram-se chammas violentas, abraçando os paços do conde, os armazens, as casas de guardas e de servos!.. A guarnição aterrada baixou logo a ponte levadiça, e tentou salvar-se na fuga, mas a hoste sitiante que estava de atalaia, arremeçou-se furiosa sobre a mesma ponte, e ahi começou uma desesperada peleja, que se tornou em horrorosa carnificina no interior do castello, entre as suas ruinas alumiaadas pelo incendio.



Conrado e Azael morreram como valentes, em combate, depois de terem assistido ao passamento de Jocunda e Ada, que ficaram debaixo das ruínas do palacio; quasi todos os seus fieis vassallos pereceram pelo ferro do inimigo, pelo fogo do incendio, ou esmagados pelos destroços dos edificios: e o barão Arnoldo arvorou o seu pendão sobre os restos informes d'aquelle velho solar.

Escavando o terreno em procura dos thesouros do condado, acharam o cadaver de Abibimelek na bocca de um caminho subterraneo que conduzia ao fosso.

Aquella destruição seria uma hecatombe aos manes de Cassandra, a macrobia, a bruxa?..

Só Deus o sabe ao certo!

Pagode de Hac-Chwang.

Sabe-se que a pequena cidade d'Honan, situada defronte de Cantão, está em poder das forças combinadas da França e Inglaterra. A posição demonstra a importancia. Comprehende-se o papel que ella pode desempenhar entre as mãos dos europeus. Dominaria o Choo-Kiang, arteria principal das provincias do sul do imperio. Sobre esta

ilha está situado Hac-Chwang, o magnifico templo que os estrangeiros não deixam de visitar, e a que chamam *Honan e Jos-House*.

Entrando, vê-se grande extensão de terreno. Por cima da porta ha duas estatuas colossaes pintadas de diversas côres. São figuras de guerreiros deificados. Dentro ha tres preciosas estatuas de Bouddha, representando o presente, o passado, e o futuro d'este deus. A sala onde estão estas imagens tem cem pés quadrados, e numerosos altares e estatuas. E' occupada por bonzos.

Ha outras salas cheias de estatuas, entre as quaes se acha a da *deusa da misericordia*, que é certamente a mais notavel. D'ahi passa-se ao pavilhão que encerra a estatua de *Kwan-Foo-Tszee* (o semi-deus da guerra). Segue-se depois um jardim, grande e magnifico, no fim do qual existe um mausoleo onde repoisam as cinzas dos bonzos queimados depois de morrerem. Proximo, está o forno onde se consomem os restos dos ministros da religião de Bouddha, cujas cinzas são collocadas em jarras, e depositas em uma pequena casa até ao momento da abertura annual do mausoleo, onde as depõem. Perto estão os tumulos das pessoas que podem pagar as suas sepulturas.

Cento setenta e cinco bonzos, que vivem n'esta propriedade, dos seus proprios rendimentos e das offeras que lhes dão, habitam o templo d'Honan. Este era primitivamente um jardim particular; mas agora, graças a *Che-Yue*, que o dedicou a Bouddha, dando-lhe o nome de *Templo dos dez mil outonos*, é o maior e o mais celebre dos estabelecimentos religiosos de Cantão.

Um Irlandez querendo encarecer o que tinha sido a cholera na Irlanda, e a gravidade dos ataques, que eram pela maior parte mortaes, dizia a um amigo. São tão rapidos os ataques, que uma pessoa deita-se bom á noite, e accorda de manhã morto.

Historia do calculo.

A origem da arithmetica perde-se em a noite dos tempos, como acontece a todas as artes necessarias. Não se pode affirmar se a invenção das suas principaes regras se deve attribuir aos indios, ou aos chaldeos, que precisavam do calculo para os seus estudos astronomicos, ou aos egypcios para os seus trabalhos geometricos, ou aos phenicios pela necessidade do seu commercio. A necessidade e o interesse, que são os dois poderosos motores da industria humana, deram, de certo, origem á arithmetica.

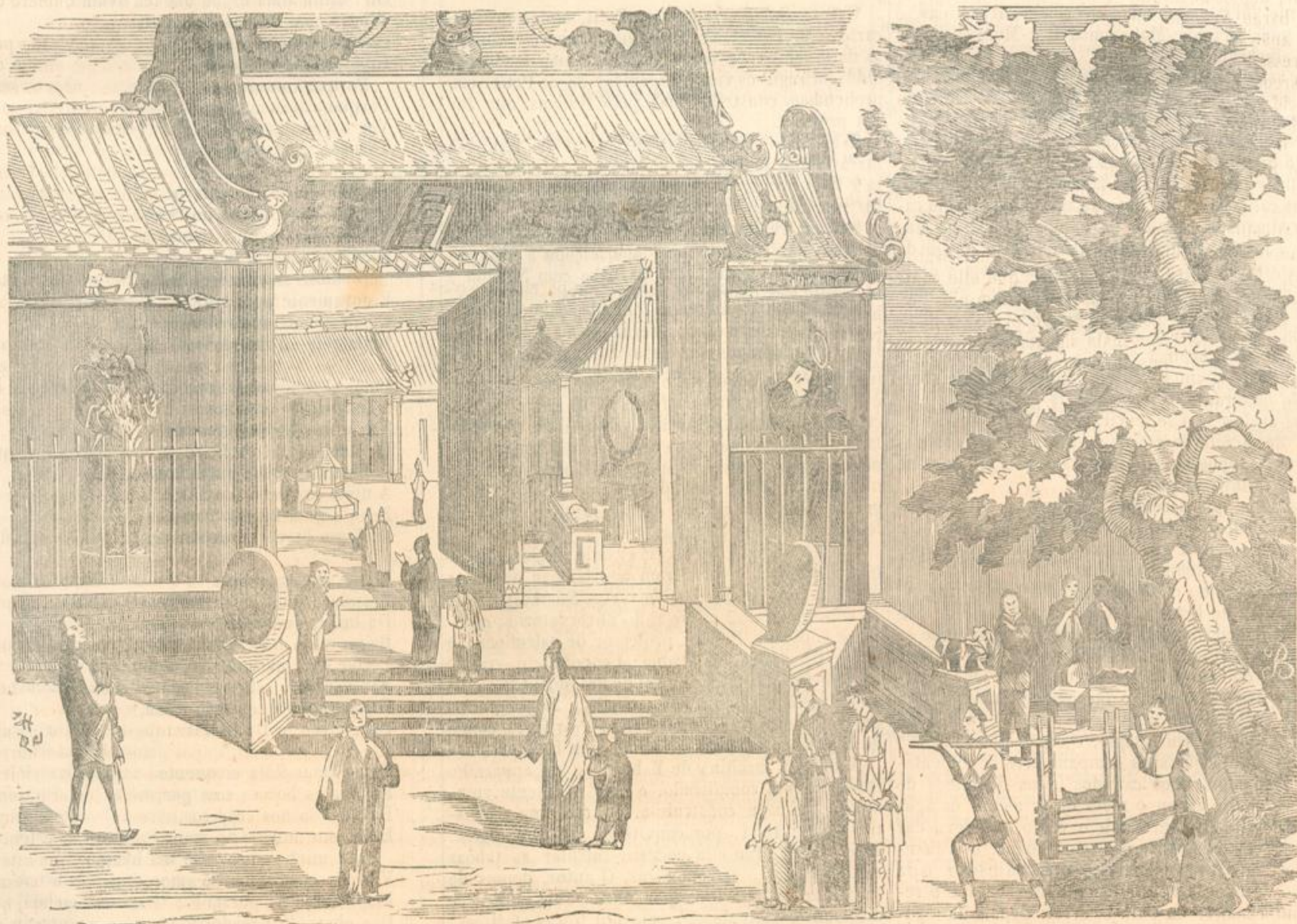
Na infancia da arte de calcular, é de presumir que os dedos fossem os primeiros auxiliares da memoria; a prova está no habito que teem todos os povos, menos os antigos chins, e uma povoação obscura, de que falla Aristoteles, de distribuir os numeros em periodos compostos de dezenas. Por tanto, o calculo decimal é tão velho como o mundo; e a honra das modernas gerações limita-se a tel-o applicado aos pesos e medidas.

Assim como o homem se serviu primeiro dos dedos para juntar e combinar os numeros, do mesmo modo encontrou em si proprio as primeiras unidades de medida. Nos diversos povos do globo se encontram o covado, o pé, a pollegada, o dedo, a braça, etc.

Os gregos e latinos dizem, que os primeiros signaes da numeração foram pequeninos seixos. Em ambos se chamava calcular a uma operação de numero. Os latinos diziam *calculus ponere*, *calculus subducere*; e os gregos diziam: *psephizein*, que significa contar as pedras.

Os primeiros livros de commercio foram sem duvida pedaços de madeira. Os assyrios, schytas, thracios, na India; e na China ainda ha vestigios d'isso, e até na America se foram encontrar entre os peruvianos e mexicanos.

Os assyrios e egypcios ensaiaram fazer machinas para calculos. Ignora-se hoje como elles se



Pagode de Hac-Chwang — Gravura de Baracho.

serviam das pequenas taboas arithmeticas de que falla a historia; mas é certo que os gregos se desesperavam de os ver calcular tão rapidamente por tal meio, e nunca o poderam conhecer.

Os commentadores dos mathematicos gregos pretenderam que o jogo, cuja invenção se attribue a Palamedes, era meramente uma machina de calcular. Thales, que ensinou os egypcios a medirem as alturas das pyramides por via da sombra que projectam, e que inventou muitas combinações de numeros em pedaços de pau, para tomar a distancia dos astros, e para diversas operações geodesicas, parece ter sido o inventor da casa arithmetica, que tanto preoccupou depois Pithagoras.

Foi entregando-se ao exame da taboada arithmetica de Pithagoras, que Nicomaco descobriu as progressões arithmeticas, e combinou numerosas taboas para abreviar mechanicamente as operações arithmeticas.

Essas taboas foram para Archimedes um raio de luz. O calculo polygonal revelou-lhe a arte da progressão dos numeros, e esta descoberta o consoulo de não ter conseguido formar uma machina arithmetica.

Os orientaes, os assyrios, os hebreos e os gregos, não tinham por signaes de suas numerações senão as letras do alphabeto: as primeiras nove marcavam as unidades, e as nove seguintes as dezenas, e as outras as centenas. Os signaes exclusivamente numericos eram quasi nulos: um ponto, um risquinho em seguida á letra, dava-lhe o seu valor numerico.

Os caracteres romanos eram ainda mais complicados do que os gregos, e faziam dificeis as operações arithmeticas.

Foi em Alexandria que Diophante, procurando simplificar, tornando mechanicamente as operações de arithmetica, encontrou o methodo que o fez olhar depois como o inventor da algebra. Este methodo, é o da analyse indeterminada, de que se tem feito applicações tão curiosas e tão uteis, quer na arithmetica pura, quer na algebra e na geometria transcendente. Esta arithmetica universal de Diophante foi commentada pelo celebre Hypathias, e foi onde o arabe Mohammed-Ben-Musa bebeu a sua algebra.

A astronomia foi a primeira sciencia que os arabes se esforçaram em fazer florir; a necessidade de medida exacta do tempo dirigiu depois os seus estudos para a mechanica. Para se fazer idéa do exito que obtiveram n'esta ultima sciencia, bastará dizer uma palavra do famoso clepsydra, que o sabio califa Haroun, neto do não menos sabio califa Almanzor, enviou de presente a Carlos Magno, em 799. Sobre o quadrante d'este relógio de agua estavam doze portas, que marcavam a divisão das horas; cada uma abria na hora que indicava, para dar passagem a pequenas bolas, que, caindo n'um bronze, soavam as horas. Ficavam abertas até á decima segunda hora, e então doze cavalleiros saiam ao mesmo tempo, girando a torre do quadrante, e fechavam as portas.

Os arabes não se serviram por muito tempo senão de caracteres gregos para expressar seus numeros; supõe-se que inventaram as cifras só no fim do oitavo seculo.

Julga-se que o celebre Alfraganus, por cognome o *calculador*, chegara a compôr uma machina de calculo com a qual fazia os mais longos e complicados com summa rapidez.

Gerbert, antes de ser monge, arcebispo de Reims, chanceler de França, e papa com o nome de Silvestre II, guardou nas montanhas do Auvergne os rebanhos de seu pae. O moço pastor, que excedia o genio do seu seculo a ponto de os seus concidadãos lhe chamarem o nigromante, não pensava senão em as distracções da sua idade, quando lhe veio a idéa do seu relógio, e orgão hydraulico.

No entanto que seus companheiros se contentavam em soprar nos canudos feitos de ramos de arvores, elle achou o meio de se servir da agua d'uma fonte para produzir o vento que devia dar sons variados. O sol era o seu relógio; mas quando o tempo estava sombrio, o moço pastor para senão enganar na hora em que devia levar o rebanho a beber, ou para o curral, depois de algumas reprehensões paternas, fabricou com um canivete uma engenhosa combinação de cordelinhos,

eixos, e pesos que lhe dava com exactidão a medida do tempo, e serviu depois para ponto de partida do afamado relógio de Magdenburgo. Foi depois de uma viagem á Hespanha, onde recebeu lição dos doutores musulmanos, que elle levou para França o uso das cifras. Tentou uma machina de calcular, mas com pouco exito.

O primeiro ensaio de machina de calcular, depois da de Gerbert, é a cabeça fallante, de Alberto, por cognome o Grande.

Esta cabeça respondia ás perguntas sobre numeros, apresentando a resposta escripta nos labios entre-abertos, com o soccorro de fitas movidas por um mecanismo interno. Não era outra coisa mais do que uma machina de calcular, executando algumas addições e multiplicações, compostas de pequeno numero de algarismos. Roger Bacon construiu tambem uma cabeça de bronze semelhante a essa de Alberto o Grande.

Pelo anno de 1460, João Muller, mais conhecido pelo nome de Regiomontani, descobriu a arte de substituir as fracções ordinarias da divisão dos numeros, por decimas, centessimas, millesimas, e deu ao seu methodo o nome de arithmetica decimal.

O barão Neper, escossez, comprehendeu o partido que se podia tirar do calculo decimal; e apprehendeu fazer a base d'uma machina com que esperava poder executar, sem esforço, todas as operações da arithmetica. O sabio escossez fez executar seus planos a Justo Byrge, habil constructor, e sabio geometra. Foi este que inventou o compasso de proporção.

Justo Byrge era um homem simples, e de grande modestia, que não julgava as suas produções dignas de sairem á luz. Foi timidamente que confessou ao barão que ligava um certo prego á descoberta que fizera havia tempos. Era a descoberta dos logarithmos.

Algum tempo depois, Neper fez d'esta invenção propriedade sua, e publicou em seu nome o livro intitulado *Mirifici logarithmorum canonis descriptio*.

Gaspar Scholt, jesuita, e Petit, amigo de Descartes e de Pascal, trabalharam no aperfeiçoamento da machina de Neper; e Pascal, não tendo podido corrigir os vicios organicos da de Petit, apprehendeu construir uma pelo systema que lhe era proprio.

A machina de calcular de Pascal foi reputada maravilhosa concepção; porém era mui incompleta e complicada de mais para ter logar entre os instrumentos de mathematicas usuas.

Grillet, relojoeiro de Luiz XIV, um dos mais habéis mechanicos da época, aperfeiçoou a machina de Pascal. Leibnitz, que partilha com Newton a honra da descoberta do calculo differencial, trabalhou tambem n'uma machina de calcular; porém nunca pôde chegar á perfeição da de Grillet.

O *instrumentum mathematicum universale* de Tiler, não é, propriamente fallando, uma machina; é simplesmente uma modificação da regra de calcular de Edemundo Gunther. Este tinha transportado os logarithmos para uma escalla linear, por meio da qual podia, abrindo-se o compasso, obter o resultado d'uma multiplicação ou divisão. A regra de Tiler não differe da de Gunther senão na forma que é semicircular.

D'esde Leibnitz e Pascal, grande numero de sabios distinctos procuraram aperfeiçoar ou crear machinas de calculo, entre varios Perrault, autor da columnata do Louvre e do observatorio; o celebre Giovanni Poleni, professor de astronomia e de mathematica em Padua; Leopoldo, o grande engenheiro das minas do rei de Polonia; Clairault, membro da academia das sciencias; Lepine, celebre relojoeiro francez; Gorsten, Peireire, o conde de Stanhope etc; mas nenhum com feliz exito.

A famosa machina de Babbage, é um apparelho infinitamente complicado, e excessivamente volumoso. Babbage construiu-a, ou começou a construí-la em 1821, por convite do governo inglez. Este queria que ella podesse calcular as taboas mathematicas e astronomicas. O autor, depois de trabalhar na machina por doze annos, e de ter dispendido mais de dezeseite mil libras sterlingas, devidas em parte á munificencia de Jorge III, ainda em 1833 só tinha chegado a um fraco resulta-

do. D'esde então pareceu não se occupar mais d'aquelle trabalho, e precisamente não se sabe o motivo d'isso. Conta-se que um pastor irlandez, famoso calculista, vendo a machina de Babbage, propoz ao autor compôr com ella. O pastor concluiu as suas operações mais promptamente do que a machina. Babbage vendo que um pastor calculava mais promptamente do que as suas rodas, desanimou, e nunca mais pôz mão no apparelho.

Finalmente entre os sabios que n'estes ultimos tempos fizeram progressos em machinas de calculo, citam-se mm. Thomaz de Colmar, Maurel, e Jayet.

Mythologia.

MACÉDO.

Era um deus Eypcio, com cabeça de lobo, de que os autores gregos fallaram muito. Filho de Osiris e irmão de Anubis, acompanhou seu pae nas expedições e commandava a vanguarda do exercito. Pindaro descreveu-o como general revestido com uma pelle de lobo. Se Macédo é realmente uma divindade egypcia, não pode ser senão Anubis, cuja cabeça de chacal tomaram por cabeça de lobo.

MAHANATMA.

E' na cosmogonia indica, a grande alma, a força vital espalhada por todas as partes do universo. Quando Pauracha-Viradj (*homem-virgem*. O primeiro homem, no principio androgyna) desinvolveu o ovo de oiro que fluctuava sobre as aguas primordiales, appareceu Mahanatma apóz os cinco elementos, e Akankara (a individualidade). Seguiu-se-lhe depois Mana (a intelligencia).

A noite.

Oh! minh'alma ergue um teu hymno,
Vibra-o nas cordas do amor,
Que encarando a natureza
Ella admire o Creador.
Porque é magico e solemne,
Porque attrahente seduz,
Ver o Tejo magestoso
Tornado um lago de luz.

Ai! não ha maior enlevo
Do que nos plainos do ceo
Ver surgir, saudosa a luz
D'entre escuro e denso veu,
E sumir-se envergonhada,
E novamente appar'cer
Como quem receia timida
Indiscreta ao mundo ser.

Como é tambem grandioso
N'uma noite sem luar
Ver o ceo de azul vestido
D'estrellas mil rutilar!
Estrellas todas diamantes
Á noite mysterio e amor,
E no Tejo a luz passando
D'algun barco pescador.

E que magica poesia
Brando o murmurio não tem
Da brisa, que entre suspiros,
Beijar-me a face vem.
Que doce encanto é sósinho
Ai! ver tudo isto e scismar,
E scismando quem não hade,
Lua, e ceo, e Deus amar!

Como Deus falla eloquente
Por tantas bocas sem par,
Da viração nos suspiros,
E nos murmurios do mar!

Oh! minha alma esse teu hymno
Vibrado em cordas de amor,
Inspirou-se na poesia
Das obras do Creador:

Dia 9 de Maio de 1856.

Este dia na dupla familia,
Apparece de gallas replecto,
Nossas almas se enfeitam, Emilia,
Das mil flores que brotam do affecto!

E são flores que tem mais perfume,
Mais e mais desabrocham louças,
Quanto mais e maior arde o lume,
Dentro d'almas, que são como irmãs!

Casto lume, accendido na idade,
Em que tudo é sorrir e folgar...
Que nem prantos de triste saudade
O conseguem depois apagar!

Se hoje um voto singello e fraterno
Pode ser-te lembrança em tal dia,
Ouve o voto tao d'alma, que ao Eterno,
Hoje eleva, quem n'elle confia.

«D'essa etherea e purissima estancia
«Oh! meu Deus, afastae toda a dôr
«Da que foi minha socia na infancia,
«Da que é hoje uma irmã pelo amor!

«Dae-lhe a paz n'este mundo, e a ventura,
«Bem sabeis se a merece, Deus meu,
«Ella, o typo do affecto e candura,
«Ella, a copia dos anjos do ceo!»

Tu bem vês o meu ramo de flores,
Que vem d'alma, que é d'ella a lembrança,
Não pompeia na galla das côres...
São saudades floridas de esperança!...

MENDES LEAL (ANTONIO).

O condemnado!

Eu não matei por vontade,
Foi a honra que vinguei!
F. G. DE AMORIM.

Condemnado! — tenho um crime,
Porque a honra quiz vingar!
E dos homens a sentença
Para essa culpa expiar,
E' subir ao cadafalso
Para a vida terminar!...

N'um momento de loucura
Eu matei uma mulher!
Matei-a... porque era minha,
E olvidou o seu dever!
E por ter punido um erro,
Tambem eu heide morrer?...

Eu morrer?... pois o meu crime
Acaso não tem perdão?
Pois o meu nome ultrajado
Não teria punição?...
E os homens com que direito
A vida me tirarão?!...

Se eu matei, foi p'ra vingar-me
Da mulher que me enganou!
Da mulher que para sempre
Desgraçado me tornou!
D'aquella que a outro homem
A sua honra entregou!...

E eu tanto a adorava,
Que o meu nomê lh'offertei!
O meu pensar incessante,
N'ella só eu empreguei!
Dediquei-lhe a minha vida,
Crença e fé, tudo lhe dei!...

A mãe, ao filho querido,
Não tributa igual amor!
O captivo a liberdade
Não ama com mais fervor!
Nem até o universo
Mais adora o Creador!...

Mas, perdão, meu Deus, blasphemo
Porque assim me ousou expressar!
Esqueçê que o amor dos homens
Não pode o vosso egualar!
Vós esqueceis nossas culpas,
E eu não soube perdoar!...

Não soube! que um veu de sangue
Ante os meus olhos passou!
E n'esse fatal momento,
Odio eterno m'inspirou
Essa mulher, que a infamia
Sobre o meu nome lançou!

Vingança! foi de meus labios
A palavra que se ouviu!
Vingança contra a perjura,
Que a outro não resistiu!
Vaes morrer! — e logo exangue
A meus pés ella caiu!...

Mas depois me sepultaram
Na mais escura prisão!
E mesmo ali eu lançava
Sobre ella a maldição!
Quasi louco... delirava,
Tinha perdido a razão!

E agora os meus juizes
Me condemnam a morrer!
Embora, antes a morte,
Que um tal martyrio soffrer!
Perdi a honra... e com ella
A vida quero perder!...

Só a hora do supplicio,
A elle corro veloz!...
Quero ao ménos com firmeza
Soffrer morte tão atroz!...
Eis-me sobre o cadafalso,
Agora venha o algoz!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

O dote e o noivo.

Para celebrar o casamento do conde d'Artois, que reinou em França sob o titulo de Carlos x, resolveu a cidade de Paris, distribuir entre certo numero de donzellas uns tantos dotes, para poderem casar. Uma linda rapariga chamada Lise Noisin apresentou-se na municipalidade para ser inscripta na lista das candidatas. O escrivão do municipio ao tomar-lhe as declarações, perguntou-lhe, como se chamava o noivo? Não tenho noivo, respondeu ingenuamente a rapariga, eu cuidei, que não era isso preciso, porque a municipalidade dava dote e noivo. Esta innocente resposta promoveu a hilaridade dos circunstantes, entre os quaes appareceu logo quem quizesse ser noivo.

A agata.

E' uma pedra lucida e brilhante, facilmente raiada de verde, e ornada de variadas e vivas côres. A sua base é a silica. E' uma variedade do quartz, d'aquelle que não tem aspecto vitroso. Veiu-lhe o nome de Achates, rio da Sicilia, na margem do qual se encontraram estas gemmas.

Tomam diversos nomes segundo a variedade de suas côres. Quando affectam o encarnado-cereja, chamam-se *coralinas*; quando a côr de laranja, dá-se-lhe nome de *sardonias*; quando coloridas de verde chama-se-lhe *prásas* ou *chrysoprasas*; de verde carregado *heliotropas*; de azul celeste *saphirinas*; e *calcedonias* quando são nebulosas, esbranquiçadas, leitosas, ou azuladas. Chamam-se *arborisadas* quando affectam a representação de arvores. Estes phenomenos são produzidos pelos diferentes metaes no estado d'oxydo, como o ferro, ou manganese, que dissolvido n'um fluido, penetraram lentamente estas agatas logo na sua formação.

Esta gemma encontra-se algumas vezes em bolas cheias de quartz hyalico (cristal de rocha) de diversas côres, serradas transversalmente.

A agata tambem se acha em bolas concavas cu-

jas paredes estão tapetadas de christaes coloridos, ou cheias de substancia terrosa, encerrando tambem grêda. Designa-se esta variedade com o nome de *geoda*.

Chama-se *onyx* (palavra grega que significa unha) a uma variedade d'agata, cuja côr se assimelha á da unha. Este mesmo nome se dá áquellas notaveis pela variedade de côres e regularidade de zonas, já directas e paralellas, já onduladas ou concentricas; algumas vezes a disposição das zonas dá a esta pedra uma grande semelhança com o olho de um cravo.

Estas variedades servem para excellentes camafeus, sob o buril do gravador.

As agatas apresentam veios de diferentes côres, transparentes ou opacos. A arte chegou a descolorir estas pedras, e assim tambem a dar-lhes diversas côres.

Embranquecem-se deitando-as em acido hydrochlorico, que se leva ao grau de ebulição para a acção ser mais viva e completa.

Podem colorir-se por dois processos diferentes. O primeiro foi inventado pelos indios.

Colorem elles artificialmente as agatas fazendo-as primeiro ferver em oleo, e depois em acido sulphurico. A ebulição expelle o ar contido nos poros, e o oleo que n'elles se introduz, sendo queimado pelo acido sulphurico desinvolve uma bella côr preta que fica nos veios opacos, ao passo que os veios transparentes ficam sem alteração, e os outros passam a uma brilhante alvura; e de tudo isto resultam contrastes que dão valor a estas gemmas. Sendo só os veios opacos os que se encontram coloridos, parece que são muito mais porosos do que os outros, oppondo-se assim á introdução de qualquer côr.

O segundo processo consiste em metter sob o recipiente da machina pneumatica um vaso contendo oleo quente, e as pedras que se deseja colorir. Faz-se o vacuo: o oleo substitue as bolas de ar que saem logo dos poros das agatas. Tiram-se estas que estão penetradas de oleo, e deitam-se no acido sulphurico concentrado, que penetra tambem a pedra, queima o oleo, e depõe o carvão até á profundidade de dois millimetros.

A agata emprega-se em diversos usos; com ella se fazem vasos, aneis, cabos de facas e garfos, rosarios, caixas, e muitas outras coisas. Talham-se, cerram-se, pulem-se, e gravam-se mais ou menos facilmente, conforme a dureza que tem.

Replica a tempo.

Henrique vi rei d'Inglaterra mofando um dia ácerca da obesidade de um dos seus validos, que o servira em diversas embaixadas, disse-lhe em presença da sua côrte. Conde, sois tão gordo que me pareceis um boi. — Talvez, meu senhor; ignoro se me pareço com um boi, ou com o que me pareço; o que sei porém, é que tenho tido a honra de representar por vezes a pessoa de vossa magestade.

Automatos.

Esta palavra vem do grego *automatos* (espan-toso), formada de *autos* (si mesmo), e *mão* (lançar-se, mover-se).

E' uma machina, que por effeito de occulto mechanismo, imita os movimentos dos corpos animados.

Eis os mais celebres:

Todos tem ouvido fallar na famosa estatua de Memnon, pae de Sesostris. Desde que os primeiros raios do sol nascente a vinham ferir, lançava sons harmoniosos, produzidos de certo por alguma mola, occulta no interior.

Archytas de Tarento fez, no anno 408 antes da era christã, um pombo que se conservava voando por muito tempo, e depois vinha naturalmente pousar-se.

Quando Nabis tyrannisava os spartiatas, inventou para dar largas á avareza e crueldade de que era devorado, uma machina representando uma mulher. Tinha as mãos, os braços e o peito cravados de pontas de ferro, occultas sob os vestidos.

Chamava qualquer cidadão para lhe extorquir dinheiro, e se lhe recusava o pedido:

— Talvez, dizia-lhe elle, que eu não tenha o talento de vos persuadir, mas espero que minha mulher seja mais feliz.

A estas palavras apparecia a machina. Nabis conduzia-a pela mão ao hospede indocil. Abraçava a victima, e por meio d'aquelles horriveis abraços arrancava-lhe o dinheiro ou a vida.

Kempelen, celebre mechanico, mostrou em Paris, no anno de 1683, um automato, arremedando um turco, sentado a um taboleiro de jogo, de tres pés e meio de alto, e conduzido sobre quatro rodas. Fazia-o mover diante dos espectadores, e abria-o para mostrar o cylindro e as rodas que lhe punham o braço em movimento. Este braço levantava-se lentamente, avançava até á peça que devia tomar, abria a mão para a agarrar, e levava-a para a casa competente: retirava depois brandamente o braço, descansando-o n'um coxim. A cada jogo do adversario, o automato movia a cabeça, e percorria o taboleiro com os olhos, e quando dava cheque inclinava a cabeça para advertir o parceiro. Se este errava o jogo, o automato agarrava-lhe na tabola, e punha-a no seu lugar, abanando a cabeça. Respondia a todas as perguntas que se lhe faziam, por meio de um quadro das letras do alphabeto, collocado em frente de si, com as quaes indicava sufficientemente as letras que constituíam a resposta. Kempelen mostrou tambem aos membros da academia das sciencias um automato que articulava phrases.

Vaucanson compoz um tocador de flauta, representando um homem de estatura ordinaria; estava sentado sobre uma rocha que era um pedestal de quatro pés e meio de alto; com o movimento dos labios, dos dedos e da lingua, modificava os sons do instrumento, e executava doze differentes arias.

Construiu outro automato, que tocava vinte arias n'uma flauta de tres buracos. Estava de pé no seu pedestal, vestido como pastor, tendo n'uma das mãos o seu flageolê, e n'outra uma varinha com que feria n'um tambor pancadas simples ou dobradas, e rufos, por tal forma que acompanhava a compasso a aria do flageolê. Parecia um ser animado, regulando os prazeres de um baile; forçava ou diminuía a respiração para tirar do seu instrumento os convenientes sons, com uma tal precisão que nunca se enganava.

A machina, porém, mais extraordinaria d'este celebre mechanico, é o pato que não só comia, bebia, engolia, etc., mas que representava no mechanismo das viceras interiores todos os meios para execução das funcções digestivas. Imitava fielmente todas as partes necessarias a estas acções. Bebia, entrava n'agua, lavava-se, estendia o pescoço, para vir comer á mão, encolhia-o depois para engolir, fazia passar o alimento ao estomago, onde o digería, e finda a digestão, lançava de si o superfluo em funcção excrementicia. As azas, pescoço, cabeça, tudo era imitado osso por osso,



Cathedral de Toledo — Gravura de Vidal Senior.



Capella do Christo da luz — Gravura de Vidal Senior.

e de forma natural. A machina mechia sem se lhe tocar, apenas estava armada.

Ha alguns annos, M. Maetzel, mostrou em Paris um automato representando, em tamanho natural, um trombeta do regimento austriaco de couraceiros. O automato tocava todas as manobras de cavallaria.

O mesmo artista construiu tambem machinas fallantes, e dançarinos de corda, executando com agilidade differentes sortes, que os mais ousados unambulos receariam pôr em pratica.

Da seda.

E' difficil remontar á origem do producto e fabrico da seda, e assim tambem de muitas outras producções da arte. O que se sabe é, que nos vieram do Oriente n'um estado de perfeição comparativa. Parece ter sido na Asia que a seda primitivamente se conheceu, e que recebeu o nome de *serica*, do paiz que se supõe que primeiro a applicou aos usos domesticos. Os chins pretendem que fabricavam já este objecto delicado de luxo, 2700 annos antes da era christã, epoca em que, pela primeira vez, levaram a sua attenção aos trabalhos executados pelos bichos de seda nas amoreiras. Descobriu-se pouco tempo depois, que os ditos bichos ficavam melhor nas casas do que ao ar livre, e produziam melhores casulos, e de superior qualidade. Desde então, a sericultura fez rapidos progressos, e se tornou fonte de grandes riquezas, propagando-se da China, na India, Persia, e Arabia, onde até hoje não cessaram de produzir excellentes resultados.

A expedição de Alexandre Grande á Persia e á India, 350 annos quasi antes da era christã, fez conhecer a seda aos europeus. No principio do sexto seculo, depois que a sede do imperio romano se transferiu para Constantinopla, dois monges, de volta de uma missão á China, trouxeram ao imperador Justiniano sementes das amoreiras, e communicaram a descoberta que haviam feito do methodo de criar o bicho de seda. Ainda que a exportação para fora da China dos ovos do insecto era prohibida com pena de morte, as exhortações e liberaes promessas de Justiniano tentaram os monjes a ensaiar trazel-os d'aquelle paiz. No anno de 555, voltaram da

expedição pela Bucharia e Persia, com os ovinhos que tinham occultado no concavo que fizeram nos bordões de peregrino. De Constantinopla, a sericultura espalhou-se pela Arabia, e d'ahi á Hespanha, a Portugal, á Grecia, á Sicilia, á Italia, e outros paizes da Europa.

A introducção da sericultura na America do norte sobe a 1622.

Peixes andarilhos.

Monsenhor Pallegoix aponta, na China, a existencia de tres especies de peixes, dotados da singular faculdade de poderem caminhar por cima das ervas humidas, fazendo assim longo caminho, de uma ribeira secca para outra que tenha agua, ou para lagos, que estando antes desprovidos de peixes, apparecem repentinamente, e como por encanto, povoados d'elles.

Estas tres especies de peixes tem na China, os nomes de *pla-xon*, *pla-dutk*, e *pla-mo*. São peixes muito vorazes, cuja carne, seccada ao sol e salgada, se conserva por um anno inteiro, e fornece nutrimento abundante e sadio.

O respeito entre os conjuges conserva a harmonia.